



DIVERSIDADE NAS ARTES: A PRIMEIRA BAILARINA TRANSGÊNERO DO TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Áreas: Humanas, Letras e Artes

Beatriz Moreira Anselmo¹, Brena Pantoja Guimarães²

¹Profª. Drª. Depto. de Letras Modernas – DLM/UEM, contato: bmanuelmo@uem.br

²Graduanda do curso de Letras Português/Francês da UEM, contato: ra126020@uem.br

Resumo. *Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados de uma atividade de prática de ensino de língua e cultura estrangeiras cujo tema é a diversidade nas artes em sala de FLE (Francês Língua Estrangeira), realizada na disciplina Língua Francesa: habilidades comunicativas integradas III. Nesse sentido, a atividade tratou da trajetória de Márcia Dailyn, a primeira dançarina transexual do Teatro Municipal de São Paulo - SP e sua importância para a visibilidade da comunidade trans nas artes.*

Palavras-chave: *Diversidade. Ensino. Artes.*

Introdução

— “Por mais direitos e respeito à comunidade trans e travesti.”
Márcia Danrly

O tema "diversidade" é muito importante para ser trabalhado em aulas de cursos de licenciatura em língua estrangeira, neste caso, o francês, uma vez que, por meio do estudo de diferentes temas e culturas podemos engajar e contribuir para a formação de estudantes e futuros professores mais conscientes sobre a abordagem do tema em sala de aula, criando um ambiente de compreensão, acolhimento, respeito e ativismo em prol das pessoas transgênero e de seus direitos enquanto cidadãos. Tendo em vista que a língua é uma meio de conexão entre pessoas de diversas culturas e a diversidade um direito previsto em Constituição, garantindo que cada cidadão e cidadã deve ser tratado da mesma forma e não sofrer discriminação (DAENZER, 2022).

Professores e alunos em contexto de ensino-aprendizagem de língua e cultura estrangeiras podem lançar olhares para diversas representações artísticas com o objetivo de encontrar nas variadas formas de expressões elementos capazes de promover a convivência entre o que é diverso e humano. Além disso, a diversidade é uma das prerrogativas da realidade humana e social, mesmo que os limites inseridos na realidade do patriarcalismo heteronormativo resultam em contradições, violências e violações destes direitos conquistados a duras penas pela comunidade LGBTQIA+, dando forma à opressão “por intermédio da discriminação, da violência multifacetada, da naturalização de preconceitos, da estereotipia e da estigmatização, nos âmbitos da infraestrutura social” (BASTIANINI e MARTINS, 2018, p. 124).



Na contramão dessas mazelas, este trabalho propõe apresentar a importante presença de artistas trans e travestis no cenário das artes, a partir da trajetória de Márcia Dailyn, que superou obstáculos pessoais e profissionais para se consolidar como a primeira bailarina transgênero do Teatro Municipal de São Paulo. Antes de falarmos sobre a trajetória de Márcia, apresentaremos brevemente os primeiros relatos sobre pessoas transgênero na história, pois como pontua Márcia em entrevista, “*nem tudo foram flores*” (BAPTISTA, 2021), no entanto, o movimento LGBTQIA + existe e resiste.

1. Existir e Resistir

— “Você não duraria nem ao menos 10 minutos, se estivesse em minha pele pelas ruas da cidade. Você não duraria...”

Trecho do Musical *Brenda Lee e o Palácio das Princesas*

Os primeiros relatos históricos de pessoas transgênero e travestis remonta à Grécia Antiga, os *Galli*,¹ seguidores dos deuses Cibeli, Átis e Hermafrodito (SILVA, 2021); (MARCUS e MOREIRA, 2019). A historiografia relata a presença de transgênero em outras culturas, como a dos povos indígenas, apontando que a maioria dos nativos não conhecia o binarismo, mas reconheciam as *peças de dois espíritos*² (FERRARI e TABARELLI, 2021). Nesse sentido, vale ressaltar que a concepção binária de gênero advém da colonização europeia para quase todo o mundo, e, com isso, a criação da ideologia de que ser homem e mulher é uma questão de identificação com o sexo biológico. Essa ideologia resultou na perseguição e na morte de milhares de pessoas que fugiam dessa construção social imposta.

A palavra “transgênero” foi introduzida no Brasil nos anos 1980, a partir do termo *transgender*, em inglês em 1960. Entretanto, seu sentido e a vivência do conceito se fazem presentes ao longo de toda história, em culturas diferentes pelo mundo e em diversos contextos sociais. No entanto, a realidade brasileira das mulheres transgênero e travestis é, em muitos casos, de marginalização, quer seja econômica e/ou social. A maioria recorre ao mercado de trabalho informal, ao subemprego ou à prosituição como formas de subsistência, o que acaba por corroborar a vulnerabilidade, a prática do preconceito e ações de violência e transfobia.

Apesar desse cenário triste e alarmante, a pauta da comunidade tem se voltado para a criação de formas de representatividade política e ocupação de lugares de liderança que antes eram quase improváveis de serem ocupados por essas pessoas, cidadãos de direito. Desse modo, a inserção na política torna-se cada vez mais necessária para se pensar e debater políticas públicas no âmbito da educação, saúde e segurança que garantam uma vida digna para essas pessoas.

Embora ainda haja muito a se fazer em prol das pessoas transgênero, e, particularmente, aos artistas transgênero, hoje podemos listar vários nomes nas artes brasileiras e tratar

¹ Sacerdotes atribuídos ao sexo masculino no nascimento que cruzaram as fronteiras de gênero em sua veneração a uma variedade de deusas na antiga Suméria, Acádia, Grécia e Roma. (BLAKEMORE, 2022)

² FERRARI, E. Fi; TABARELLI, L. Limites ao exercício da liberdade de expressão: o discurso de ódio nas redes sociais como incitação à violência contra pessoas transgênero. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Jurídicas e Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.



da importância dessa inserção, pois a diversidade é elemento primordial para a construção de uma sociedade mais justa. Nascida em Jales, interior paulista, Márcia sempre se reconheceu como mulher, encontrando apoio em sua mãe, mas enfrentando dificuldades com seu pai, que a princípio não aceitou sua identidade de gênero. Márcia Dailyn, a primeira bailarina transgênero do Teatro Municipal de São Paulo, é importantíssima nesse contexto, como ela mesma pontua em entrevista: "Tenho 43 anos, são 43 anos de luta e militância. Estar viva, em nosso país, já é resistir." (DAILYN, 2018).

2. A arte como saída: Militância e resistência

— “Quero ser uma artista e ser respeitada”

Trecho da entrevista ao G1 em 2021

As mulheres transgênero e travestis, ao buscarem a arte como meio de expressão e oportunidade de mudar de vida, mesmo não sendo algo fácil e acessível, enxergam nisso uma forma de subsistência e liberdade. Elas têm desempenhado um papel fundamental no panorama artístico brasileiro contemporâneo, não apenas como representantes da comunidade LGBTQIAP+, mas também como vozes, corpos, ideias e talentos que desafiam normas e criam novos espaços de visibilidade. Márcia, que foi influenciada pela sua mãe e o amor às artes desde criança, decidiu, aos 17 anos, inscrever-se na Escola Municipal de Dança. A viagem até São Paulo foi o primeiro de muitos desafios, mas sua perseverança a levou a ser aceita e a construir uma carreira sólida como dançarina e atriz. Ao longo dos anos, enfrentou discriminação em salas de aula e no palco, mas nunca desistiu de seu objetivo de ser respeitada e reconhecida como artista. Enfrentou inúmeros desafios em sua trajetória artística, sendo muitas vezes rejeitada por professores e coreógrafos que se recusaram a ensiná-la por ser uma mulher transgênero. Apesar do preconceito, ela permaneceu firme, sempre presente nas aulas, “*impecável e pronta para aprender*” (DAILYN, 2018). Em 10 de setembro de 2022, Márcia celebrou seus 25 anos de carreira com o espetáculo “Uma Viagem no Tempo”, marcando sua trajetória de resistência e talento. Atualmente, além de ser atriz da *Companhia de Teatro Os Satyros* e colaboradora da *Escola de Teatro SP*, ela é reconhecida como Diva da Praça Roosevelt e Musa das academias do Baixo Augusta, reafirmando sua relevância no cenário cultural de São Paulo.

Entre 2017 e 2023, a Associação Nacional de Trans e Travestis, o ANTRA mapeou 1.057 assassinatos da comunidade no Brasil, foram 151 casos por ano, e um aumento de 10,7% em 2023 comparado a 2022. Nesse contexto de violência, a luta da comunidade trans é contínua. No entanto, Márcia, além de ser artista, atua como ativista e há uma década colabora com o projeto TransVisão, que promove debates sobre diversidade e inclusão, oferecendo jantares para populações carentes. “Nós damos comida e hospitalidade” (DAILYN, 2018), ressalta Márcia.

Considerações finais



Ao ensinarmos sobre a diversidade nas aulas de língua estrangeira, podemos construir uma educação inclusiva, crítica partindo da realidade social. Sendo a sala de aula um lugar onde os estudantes podem compreender múltiplas relações sociais em concomitância ao aprendizado da língua. Nesse contexto, promove-se pensamento crítico, combate a estereótipos, preconceituosa, além da valorização das diferenças e respeito pelos diferentes (BASTIANINI e MARTINS, 2018).

Este trabalho apresentou a trajetória de Márcia Dailyn, a primeira bailarina transgênero do Teatro Municipal de São Paulo, destacando a importância da representatividade e da luta pela visibilidade das pessoas transgênero nas artes. A história de Márcia é um exemplo de como a arte pode servir como ferramenta de emancipação e afirmação de identidades, ao mesmo tempo em que reflete os desafios enfrentados pela comunidade LGBTQIA+ no Brasil.

Referências

BAPTISTA, R. **Nem o preconceito ou estatísticas impediram Márcia Dailyn, a 1ª bailarina trans do Theatro Municipal de São Paulo, de sonhar**. G1 São Paulo, São Paulo, 2022.

BASTIANINI, M. A. D; MARTINS, E. B. C. **A educação e a diversidade sexual e de gênero: uma análise a partir da proposta dos temas transversais para o ensino fundamental na perspectiva dos educadores**. Serviço Social & Realidade, Franca, v. 27, n. 2, p. XX-XX, 2018.

BENEVIDES, B. G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023**. Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2024. 125 p. I

BLAKEMORE, E. **Como historiadores estão documentando a vida de pessoas transgênero**. *National Geographic Brasil*, 30 jun. 2022.

DAENZER, A. **Représentation inclusive du genre et de l'interculturalité dans les moyens d'enseignement: Analyse scientifique**. Sous la direction d'Anne Bourgoz Froidevaux et Viridiana Marc. Juin 2022.

DAILYN, M. **Marcia Dailyn, 1ª bailarina trans do Municipal, celebra o dia internacional da dança**. Publicado em: 29 abr. 2021. Disponível em: <https://www.spescoladeteatro.org.br/noticia/marcia-dailyn-1-bailarina-trans-do-municipal-celebra-dia-internacional-da-danca>; Acesso em: 28 set. 2024.

FAUSTINO FILMES. **Vivo Assim e Vou Viver Assim | Com Marcia Dailyn**. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kFo05TQB1o&t=221s>. Publicado em: 11 abr. 2018. Acesso em: 17 set. 2024.

MARCOS, C. M; MOREIRA, E. Ap. da S. **Breve percurso histórico acerca da transexualidade**. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 593-609, ago. 2019.

SILVA, S. C. **Os galli, sacerdotes de Cibele: representações literárias femininas e possibilidades sobre as práticas de castração ritual**. *Notandum*. 2021.